



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

## Prefácio

Rodrigo Pelloso Gelamo

**Como citar:** GELAMO, R. P. Prefácio. *In:* VELASCO, P. D. N. (org.). **Ensino de – qual? – Filosofia:** ensaios a contrapelo. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 7-12.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-85-7249-063-4.p7-12>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# PREFÁCIO |

Rodrigo Peloso Gelamo

2019. Mais uma vez o lugar da filosofia na formação básica dos brasileiros é vilipendiado. Desde o último retorno da filosofia à educação média, especialmente no sistema público de ensino, em 2008, não conseguimos sequer formar a primeira geração de pesquisadores que tiveram aulas de filosofia em seu processo de formação no ensino médio. Se considerarmos que as primeiras aulas de filosofia foram oferecidas em 2009 e equacionarmos os anos requeridos para formação completa do pesquisador no Brasil, teremos: 3 anos de ensino médio; 4 anos de ensino superior (3 em alguns casos); 3 anos de mestrado (2 em alguns casos) e 4 de doutorado, o que daria entre 12 e 14 anos, sem contarmos os interstícios entre uma e outra etapa de formação. Se considerarmos o curso cronológico da história, os primeiros pesquisadores com doutorado que tiveram acesso à filosofia em sua formação básica só terminariam o doutorado, na melhor das hipóteses, em 2020.

Aqueles adolescentes que em 2009 foram os primeiros alunos a se beneficiarem das aulas de filosofia, que se sentiram movidos a serem professores e pesquisadores em filosofia na sua relação com o ensino, tiveram o seu projeto interrompido dez anos depois.

<https://doi.org/10.36311/2020.978-85-7249-063-4.p7-12>

Diferentemente de outras áreas do saber, como a matemática, a física, a química e, especialmente, a língua portuguesa – que também movem os alunos do ensino médio a seguir carreira acadêmica e a pesquisar sobre as condições de possibilidade de ensinar e aprender conceitos, técnicas, operações, enfim, os saberes de cada uma dessas disciplinas, que cultivam uma tradição de formação e de pesquisa sobre esse assunto –, na tematização sobre o ensino da filosofia aquilo que se produz são, muitas vezes, intempestividades cíclicas e não a criação de um debate ou um campo de investigação. Ainda temos de contar com pesquisadores *ad-hoc*, que apenas circunstancialmente se dedicam a pensar o ensino da filosofia. Talvez um dos motivos para isso seja o fato de que todas as vezes que um movimento de pensamento sobre o ensino da filosofia se instala no Brasil, uma nova lei o desmobiliza e a investigação é lançada a seu ponto inicial, desarticulando todo um trabalho que se estava instalando. Como supervisor do PIBID (Programa Institucional de Iniciação à Docência) e professor das disciplinas de formação de professores de filosofia, tenho notado a diminuição do interesse tanto na opção dos alunos pela licenciatura, quanto pela pesquisa sobre o ensino da filosofia.

Espero que dessa vez tenhamos mais condições de lutar contra essa situação. A depender do movimento que vem se instalando nas pesquisas sobre o ensino da filosofia, os sinais são promissores. A despeito da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e da lei n. 13.415, de fevereiro de 2017, que, mais uma vez, colocam a filosofia em um lugar duvidoso, os movimentos do GT *Filosofar e Ensinar a Filosofar* e da ANPOF Ensino Médio se mostram lugares de resistência política, mantendo a tematização do ensino da filosofia em constante tensão. Somos vários pesquisadores que levam a cabo a investigação sobre o ensino da filosofia. Importamos com a filosofia no ensino médio, na universidade e nos preocupamos com a sua ensinabilidade e com sua aprendibilidade. Nesse contexto, quem sabe, consigamos desenvolver um programa de pesquisa para instalar no Brasil um campo de conhecimento em torno da temática da filosofia e seu ensino, para que, assim, os problemas que Velasco enuncia na apresentação desse livro de fato possam ser pensados de forma cada vez mais detida e profunda.

Há alguns anos tenho me dedicado a olhar os escritos sobre o ensino da filosofia no Brasil. A grande maioria das produções resulta de encontros, como o Fórum Sul e Sudeste de ensino da filosofia, e é feita por pesquisadores interessados no assunto, como as publicações organizadas por Kohan nos anos 2000. Outro veículo de publicização das pesquisas são as revistas, em sua grande maioria, da área de Educação, que aceitam artigos relacionados ao ensino da filosofia, como a RESAFE (*Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*), que congrega o maior acervo sobre o ensino de filosofia no Brasil, a *Educação e Filosofia* (UFU) e algumas outras mais recentes, que procuram tematizar especificamente o ensino da filosofia, tais como a Revista do NESEF (2013) e a REFILO (2015). Temos de pontuar, também, que a maior promessa de debate sobre o ensino da filosofia ainda está marcada pelas dissertações e teses que ainda estão encarceradas nas prateleiras das bibliotecas. Boa parte desse acervo, no entanto, é ainda de difícil acesso à maioria dos pesquisadores, pois muitas das produções ainda não estão disponíveis digitalmente.

Quando olhamos em especial para as dissertações e teses, notamos como é recente a formação de pesquisadores sobre o ensino da filosofia no Brasil e, também, como ela tem progredido geometricamente nos últimos anos. A primeira pesquisa em nível de pós-graduação, e única da década de 1970, a que tivemos acesso foi uma dissertação de mestrado defendida em 1975, há 44 anos, portanto, na UFSM e intitulada *O Tomismo no Ensino da Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria*. Nos anos 1980 foi que de fato se pôde notar que as produções mais significativas sobre essa temática vieram a público, somando-se 9 pesquisas defendidas. Década após década esse número tem se tornado cada vez mais significativo e atualmente já há quase 300 dissertações e teses defendidas. Se compararmos esse número com outras áreas do conhecimento, pode-se argumentar que a produção ainda é bastante restrita. No entanto, podemos observar que temos um movimento em favor da pesquisa sobre o ensino da filosofia que jamais foi encontrado na história do país.

Essas pesquisas foram realizadas, em quase sua totalidade, nos programas de pós-graduação em Educação espalhados por todo o Brasil, com algumas raras exceções para aquelas defendidas nos programas de Fi-

losofia. Essa dispersão se deve especialmente por não haver nos programas de filosofia ou de educação uma linha que perspective o ensino da filosofia. Essa tematização aparece, quando muito, como um apêndice das linhas de Filosofia da Educação nos programas de Educação.

Uma importante mudança nesse horizonte ocorreu no ano de 2017 com a criação do PROF-FILO (mestrado profissional em Filosofia). Essa iniciativa reuniu boa parte dos pesquisadores que se dedicam ao estudo do ensino da filosofia que, até então, estavam isolados em seus respectivos programas. Isso fez com que as pesquisas se capilarizassem em núcleos que estão presentes em 16 instituições espalhadas por todo o Brasil. Sem dúvida, o PROF-FILO tornou-se um lugar de acolhida aos professores dessa disciplina interessados em iniciar seus estudos e aos pesquisadores do ensino da filosofia, sendo responsável por boa parte das dissertações defendidas nos últimos anos. Pode-se argumentar que esse programa atende a um público ainda muito restrito, o de professores do ensino médio. No entanto, esse movimento, ainda que bastante circunscrito, tem dado fôlego na luta política e trazido importantes contribuições para a formação de pesquisadores no Brasil.

A luta que temos de travar ainda é grande. Nossos inimigos não estão apenas nas instituições governamentais, com suas leis que procuram nos silenciar, mas também entre nossos colegas de profissão. Recentemente ouvi um comentário de um professor do departamento de filosofia – pessoa que faz pesquisa em filosofia, por assim dizer, “pura” – que um evento que se realizou em agosto de 2019 no campus de Marília e trazia por nome “Educação e Filosofia” não era de filosofia. A pergunta que fazia era: por que colocam a filosofia como título de eventos que não fazem ou não falam de filosofia? Esses eventos de Educação [Filosofia da Educação e Ensino de Filosofia] precisam, afinal, aprender “a se colocar no seu lugar”. Isso demonstra que ainda temos de trilhar longos caminhos e travar muitas batalhas para evidenciar o trabalho filosófico que é feito em nossas pesquisas.

Por outro lado, temos conseguido formar um grupo de pessoas para pensar o ensino da filosofia de modo a dar às pesquisas a densidade filosófica requerida pelos problemas, também filosóficos, imanentes ao processo de ensinabilidade e aprendibilidade do filosófico. Esse movimen-

to em torno das pesquisas sobre o ensino da filosofia tem contribuído para mudar certa mentalidade que coloca essa tematização como um problema distante da filosofia. Um problema também *ad hoc*. Penso que haja, ainda, um longo percurso a se trilhar para dar mais densidade às produções teóricas, para que as práticas de ensino se materializem, as práticas se tornem pesquisas e as pesquisas, práticas educacionais.

Os capítulos que se apresentam nesse livro foram capturados por esse movimento PROF-FILO/ANPOF-EM/GT-Filosofar e Ensinar a Filosofar. Instigados por Patrícia Velasco que, além de organizar o livro, lhes coloca questões sobre a ressonância da problemática do ensinar e do aprender a filosofia à tradição filosófica, as autoras e autores refletem sobre “QUAL filosofia ensinar e aprender”. Essas filósofas e esses filósofos procuram na tradição do pensamento filosófico reflexões, problematizações e ressonâncias dos problemas, ora atuais, ora tradicionais, da filosofia que pensa o seu ensino e sua aprendizagem, para nos ajudar a levantar nossas próprias questões como professores dessa disciplina. Tendo em vista que, como sabemos, nem todos os filósofos da tradição pensaram explicitamente o ensino da filosofia, essa obra traz um tom não só ensaístico, como não poderia deixar de ser, mas também provocador. As autoras e autores deste livro fazem, pois, os filósofos da tradição pensarem aquilo que ainda não haviam pensado, a fim de (n)os forçar a filosofar no ensino e na aprendizagem da filosofia.

Nesse sentido, as páginas que seguem trazem uma potência de pensamento em um momento em que já não temos tanta certeza de qual é o lugar da filosofia no ensino médio. Temos, atualmente, um contexto em que há, mais uma vez, uma fratura do lugar da filosofia na escola, agora pela BNCC. Mas, diferentemente dos anos de 1969, quando a filosofia passa a ser optativa, e 1971, quando é retirada do currículo, temos, hoje, um amparo político, fomentado pela ANPOF, ANPOF/EM, GT Filosofar e Ensinar a Filosofar e reiterado pelo número de pesquisadores que estão na ativa, política e teoricamente. Além disso, o aumento da produção teórica que vem sendo publicizada em diferentes espaços tem, assim como este livro, se somado às frentes de resistência do ensino da filosofia, dando-nos mais forças para combater essas fraturas que nos são imputadas.

Assim, as filósofas e os filósofos que assinam esse livro trazem uma fina e instigante maneira de olhar para a filosofia e depreender dela possibilidades de se pensar o seu ensino e sua aprendizagem. Para pensar tais possibilidades, convido as leitoras e os leitores a, cuidadosamente, (re)visitar com os autores não só os lugares, mas, especialmente, os caminhos por eles percorridos nesse exercício de resistir aos revezes históricos, legais e políticos, com e pela filosofia. E quem sabe, unirem-se a nós, que insistimos em rolar a pedra montanha acima, na tentativa de evitar a repetição do mito de Sísifo no contexto das pesquisas sobre o ensino da filosofia.